

EDUCAR PARA A FELICIDADE: Um grande desafio para a educação

Ricardo Alves¹, Ana Rodrigues¹, Élvio Gouveia^{1,3}, Ana Luísa Correia¹,
Hélio Antunes¹ & Helder Lopes^{1,2}

¹ Departamento de Educação Física e Desporto, Universidade da Madeira, ricardo.alves@staff.uma.pt

² Centro de Investigação em Saúde, Desporto e Desenvolvimento Humano

³ Interactive Technologies Institute, LARSYS,

Resumo

A responsabilidade que temos para com as novas gerações, tendo em conta o contexto social atual e a incerteza perante o futuro, coloca-nos desafios e responsabilidades sem precedentes.

Concomitantemente, a forma como educamos, as oportunidades que criamos, os estímulos que provocamos e a forma como gerimos o processo educativo poderão ser fundamentais para que os alunos adquiram conhecimentos e competências transversais para a vida, aumentando a probabilidade de serem pessoas equilibradas, competentes e autónomas.

Neste contexto, a Educação para a Felicidade poderá traduzir-se num conjunto de objetivos, princípios e estratégias na prática pedagógica que poderão marcar a diferença no futuro de cada aluno e, conseqüentemente, da nossa sociedade.

Palavras-chave: educação, felicidade, pedagogia.

EDUCATING FOR HAPPINESS: A major challenge for education

Abstract

The responsibility we have towards new generations, considering the current social context and uncertainty about the future, poses unprecedented challenges and responsibilities.

Concomitantly, the way we educate, the opportunities we create, the stimulus we provoke and the way we manage the educational process can be fundamental for students to acquire knowledge and transversal skills for life, increasing the probability of being balanced, competent and autonomous.

In this context, Education for Happiness can translate a set of objectives, principles and strategies in pedagogical practice that can make a difference in the future of each student and, consequently, of our society.

Keywords: education, happiness, pedagogy.

Introdução

O papel, intervenção e responsabilidade dos diversos agentes educativos em geral, e dos professores em particular, no contexto atual, tendo em conta a incerteza perante o futuro, faz-nos refletir sobre os desafios e responsabilidades que temos na construção desse mesmo futuro. Podemos encará-lo como algo que ainda não conhecemos e que, por isso, a nossa intervenção como educadores é muito limitada e redutora. Ou então, pelo contrário, devemos assumir que para que as crianças e jovens possam enfrentar esse futuro incerto é fundamental dotá-los de ferramentas que permitam que eles correspondam aos desafios, criem oportunidades, tenham sucesso e, acima de tudo, possam ser membros (pro)ativos na sociedade onde se inserirem.

Assim, a forma como educamos, as oportunidades que criamos, os estímulos que provocamos e a forma como gerimos o processo educativo podem ser fundamentais para que os alunos adquiram conhecimentos e competências transversais para a vida, aumentando a probabilidade de serem pessoas equilibradas, competentes, autónomas e felizes.

Desenvolvimento

No que respeita à forma como educamos é importante refletirmos sobre o potencial do ato de educar. Que tipo de conhecimentos devem adquirir os nossos alunos? Onde e como devem adquiri-lo? Como o devem sintetizar, sistematizar e aplicar? Nunca houve tanto conhecimento disponível como agora e, paradoxalmente, a ignorância, a desinformação e a ausência de crítica nunca foram tão evidentes... Estas são questões com as quais nos devemos preocupar e traduzir em ações, interações e reflexões junto dos nossos educandos.

Paralelamente há que (re)pensar em que competências transversais para a vida nos devemos focar. Apenas aquisição, seleção e aplicação de conhecimento? Como é que podemos despertar a vontade em aprender, promover a autonomia, ensinar a empatia, estimular a criatividade, promover o controlo e gestão de emoções e despertar para a liderança? Independentemente do nível de ensino, da matéria que lecionamos ou das atividades que desenvolvemos para/com os alunos. Como é que estruturamos os nossos objetivos, alinhamos as nossas estratégias e criamos

oportunidades, para além ou paralelamente aos conteúdos específicos que temos de lecionar, para fazer face a tais exigências?

Neste contexto, a Educação para a Felicidade – nas diversas disciplinas ou noutras atividades que possamos desenvolver em contexto escolar -, poderá traduzir-se num conjunto de objetivos, princípios e estratégias na prática pedagógica que poderão marcar a diferença no futuro de cada aluno e, conseqüentemente, das famílias, organizações e da própria sociedade.

Sendo a Felicidade considerada como a experiência global do prazer e do significado (Ben-Shahar, 2007), como é que a podemos trabalhar e integrar no processo pedagógico? Será que recorrendo à própria essência subjacente a esta definição, ou seja, procurando que os nossos educandos sintam prazer em estar na escola e nas diversas atividades que lá se desenvolvem e que atribuam significado às mesmas? Sabemos que os alunos até gostam de estar na escola, mas mais na perspectiva de conviverem com os colegas/amigos ou desenvolverem algumas atividades para os quais se sentem motivados. No entanto, também sabemos que a maioria dos alunos não gosta muito das aulas... Com algumas exceções, como é o caso da Educação Física (Lopes *et al.*, 2020; Lopes *et al.*, 2019) e algumas outras disciplinas às quais é atribuída menor importância, a generalidade dos alunos não parece retirar muito prazer do contexto de sala de aula. E a questão que se coloca é o porquê desta falta de prazer nas aulas. Será que as aulas não são suficientemente desafiantes, motivantes e adequadas? Será que esta desmotivação dos alunos não pode ser o reflexo da própria desmotivação e inadaptação de alguns professores face às necessidades existentes? Será que as estratégias desenvolvidas pelos docentes são as mais adequadas às características, motivações e necessidades dos seus alunos? Será que se estimula suficientemente a participação ativa dos alunos nas aulas? A reflexão, o debate, a análise, a crítica construtiva, a criatividade e a capacidade de analisar problemas e de encontrar soluções não serão alguns caminhos que podemos explorar mais e melhor no sentido de alavancar uma participação mais ativa e envolvente por parte dos alunos?

E aqui introduzimos a questão do significado das aulas. Será que os alunos têm a perceção do significado e importância que cada disciplina possa ter para o seu futuro? Será que se perceberem isso não irão estar mais focados e terão maior prazer naquilo que estão a fazer e a abordar? Como é que cada professor poderá trazer alguma luz aos alunos sobre estas questões?

E como é que se gere toda a complexidade que ocorre num contexto de aula? Os comportamentos, as relações, as emoções, a individualidade de cada aluno inserido no grupo que é a turma... A aula, e outras atividades que ocorrem em contexto escolar, são laboratórios onde emergem oportunidades de ensino/aprendizagem únicas... Únicas não no sentido de que não possam ocorrer situações semelhantes noutros contextos, mas na perspectiva que ocorrem na presença de um professor, de alguém que tem (ou deve ter) formação para poder traduzir os acontecimentos que ocorrem em janelas de oportunidade de crescimento, aprendizagem e mudança...

Considerações Finais

As reflexões apresentadas, essencialmente sob a forma de perguntas, pretendem estimular alguma reflexão sobre a complexidade do processo educativo e sobre alguns dos desafios que os professores e investigadores da área educativa têm pela frente. É fundamental que procuremos dar respostas efetivas às necessidades dos alunos. Todavia, para podermos encontrar respostas é essencial que façamos perguntas. E que façamos as perguntas certas de acordo com o tempo e contexto onde nos situamos, embora sempre com foco no futuro. As perguntas não são sempre iguais; as respostas muito menos... Mas parece-nos essencial estarmos permanentemente a perguntar... Quando perguntamos estamos a estimular a nossa reflexão e atualização do conhecimento, estamos a analisar o contexto, a atender às necessidades e a procurar as respostas mais adequadas para melhor intervir. Na certeza que quando perguntamos, estamos a dialogar com os outros e não a impor ideias estereotipadas e pré-formatadas. Estamos a respeitar o aluno e a contribuir para a sua autonomia, na lógica do que é preconizado por Freire (1996).

Referências Bibliográficas

Ben-Shahar. (2007). *Happier*. New York: McGraw-Hill.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25.^a ed. São Paulo. Paz e Terra.

Lopes, H., Gouveia, É., Correia, A., Alves, R., Prudente, J., Fernando, C. & Rodrigues, A., (2020). A cultura motora como polo atrator da mudança da escola (pp. 152-159). In Duarte, A. & Cristovão, N. (Org.). *Educação, Artes e Cultura: Discursos e Práticas*. Funchal: CIE-UMa

Lopes, H., Rodrigues, A., Correia, A., Alves, R., Prudente, J., Ornelas, R., Vicente, A., Fernando, C. & Gouveia, É. (2019). A Educação Física nas Escolas da RAM – Compreender, Intervir, Transformar (EFERAM-CIT). In Lopes, H. Gouveia, É., Rodrigues, A., Correia, A. & Alves, R. (Coord.) *A Educação Física em tempos de mudança: Ferramentas Didáticas*. Funchal: Universidade da Madeira. ISBN: 978-989-8805-46-1